

**Lina Bo Bardi**

*José Victor das Neves (8619196)*

As exposições *A arte política de Lina Bo Bardi* do SESC Pompeia e *Maneiras de expor* do Museu da Casa Brasileira trazem reflexões acerca da produção de Lina e sobre o próprio papel das exposições e dos museus para com a sociedade, num esforço de metalinguagem da exposição que fala de exposições, ou de “maneiras de expor”.

Para Lina, o museu não é para ver apenas coisas belas, mas deve elevar o interesse de perceber as coisas. Sua preocupação com essas questões a levaram a realizar exposições impactantes que exigem a participação dos visitantes e levando-os à curiosidade e à investigação. Ainda assim, sua produção se caracteriza pela simplicidade, coletividade e grande capacidade de sintetização.

Em suas exposições, busca mostrar o Brasil da pobreza e das desigualdades, mas ainda assim criativo, criador, pois “todos criam, mesmo na miséria”. Sua postura ultrademocrática torna seu trabalho exposição e denúncia ao mesmo tempo, se utilizando do impacto, mas sendo sempre didática. Na exposição *Maneiras de expor* do Museu da Casa Brasileira é possível notar essa proposta, através das fotografias, croquis, vídeos e objetos usados em exposições.

A relação de Lina com a cultura popular é muito forte, como bem mostraram as referidas exposições. A influência do Nordeste foi decisiva em sua produção, levando-a a uma reflexão acerca do chamado “kitsch” e a uma rejeição do folclorismo como forma de compreensão da cultura e do chamado processo civilizador: “de todo esse processo foram excluídos uns ainda menos afortunados: o povo. E o povo nunca é kitsch”. Contra o folclore, bastaria reconhecer que a cultura popular é dinâmica, tem continuidade, enquanto que o folclore tende a congelar o popular, levando consigo diversas limitações e estereótipos.

A valorização do trabalho também é evidente; não do trabalho industrial, mas o artesanal, de saberes e fazeres que procedem da criatividade das comunidades. Lina atenta para o fato de que hoje apenas usamos os objetos, eles não têm mais valor decorativo. Criticando objetos cada vez mais “bonitinhos e descartáveis” e expondo os artesanatos populares, ela demonstra a recusa do homem de perder sua identidade, mesmo em condições de marginalidade.

O Museu de Arte Moderna da Bahia, sediado no Solar do Unhão, possui intervenção de Lina em sua estrutura, a mais famosa sendo a escada de madeira de lei, feita de de antigos carros de boi, o que acentua seu caráter popular e arraigado à vivência. Lina se propunha valorizar o universo do trabalho e da vida em comunidade, num museu das artes, do fazer.

O Museu de Arte de São paulo (MASP) é um grande exemplo da “arquitetura pobre” praticada por Lina; pobre “não no sentido de indigência, mas no sentido artesanal que exprime comunicação e dignidade máximas através dos menores e humildes meios”. A arquitetura foi pensada para ser um espaço de convivência, enquanto que a expografia, baseada no inovador painel-cavalete de vidro, força o espectador a olhar além dos painéis, dando uma liberdade não encontrada em muitos espaços museológicos.

O SESC, antiga Fábrica de Tambores da Pompeia, teve uma intervenção bastante simbólica do caráter de Lina. Ela buscou manter viva a vivência das pessoas, mantendo as estruturas da antiga fábrica, um lugar-comum da comunidade local, e construindo um edifício em estilo brutalista, simples, mas que reforça o aspecto do trabalho implícito no local: não o fazer industrial, mas o coletivo, das “artes”. São suas palavras: “dediquei meu trabalho da Pompeia aos jovens, às crianças, à terceira idade: todos juntos”; assim, o SESC Pompeia foi projetado como um lugar de encontro da diversidade.

Ambas as exposições se complementam na medida em que revelam a faceta engajada de Lina, seu anseio por colocar a liberdade em pauta, em ampliar a noção de história e de cultura, e, principalmente, em transformar os espaços museológicos em verdadeiros locais de “movimentos políticos”, “manifestos”, que constituem sua arte política e suas maneiras de expor.